

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU* EM
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

CONTOS DANÇANTES – A ÁFRICA EM NÓS

Jeane Renata Aparecida Silva Guimarães

Belo Horizonte

2012

Jeane Renata Aparecida Silva Guimarães

“Contos Dançantes – A África em Nós”

Trabalho de conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Professor: José Eustáquio de Brito

Área: Educação e Relações Étnico Raciais.

Belo Horizonte

2012

Jeane Renata Aparecida Silva Guimarães

“Contos Dançantes – A África em Nós”

Trabalho de conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Especialista em Educação e Relações Étnico Raciais, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Eustáquio de Brito

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

José Eustáquio de Brito – Universidade do Estado de Minas Gerais

Luciano Magela Roza – Faculdade de Educação da UFMG

Belo Horizonte

2012

RESUMO

Reflexões sobre a diversidade étnico racial brasileira e propostas de metodologias para implementação da Lei 10639/03 no ambiente escolar através do resgate, valorização e reconhecimento da influência negra na sociedade brasileira, utilizando-se dos contos e da dança africana.

Palavras-chave: Educação Étnico Racial – 7º ano – Contos – Dança – corporeidade – Identidade

***“De tudo ficarão três coisas:
a certeza de que estamos começando,
a certeza de que é preciso continuar e
a certeza de que podemos ser interrompidos
antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo.
Fazer da queda um passo de dança.
Do medo, uma escada.
Do sonho, uma ponte.
Da procura, um encontro.”***

(Fernando Sabino)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Breve Histórico.....	11
2.2 Sobre a Dança e a Corporeidade.....	14
2.3 Sobre a Literatura e sua Importância para os Jovens.....	15
3. JUSTIFICATIVA.....	17
4. OBJETIVOS.....	19
5. O PLANO DE AÇÃO.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
7. BIBLIOGRAFIA.....	36

APRESENTAÇÃO

Sempre fui apaixonada com a Geografia e a História, ao ponto de ler todo o livro didático, das citadas disciplinas, durante as férias de janeiro, ainda como estudante do ensino fundamental. Quando me tornei adolescente e terminei o ensino médio, optei por fazer o vestibular para Odontologia e mais tarde para Psicologia, pois professor não ganhava bem... Trabalhei na iniciativa privada, até que um dia, fui ser secretária em um cursinho pré-vestibular e observei que era possível um professor ganhar bem... Pronto, foi o empurrão que faltava para que eu fizesse o que realmente queria. Por conseguinte, prestei vestibular para Geografia na UFMG e hoje sou professora de Geografia, História e Sociologia há aproximadamente 12 anos, na rede estadual, e há aproximadamente 5 anos, na rede municipal de educação de Belo Horizonte.

Adquirir grande experiência ao lecionar para crianças, jovens e adultos, uma vez que, na Prefeitura de BH, sou professora de Geografia e História do 3º ciclo (7º ao 9º ano), e, no Estado, sou professora de Geografia e Sociologia do ensino médio, além de professora da disciplina “Identidade, Sociedade e Cultura” no curso de educação infantil.

Tenho como missão pessoal a tarefa de mostrar que a História e a Geografia não estão fora da nossa vida; ao contrário, são elas que construíram e constroem as imagens do nosso cotidiano e contribuem para a formação do nosso senso crítico.

Desde 2009 venho participando, como professora, de um projeto de formação de educadores infantis, oferecido pelo MEC para monitores de creches e de instituições de educação infantil, em parceria com o Estado, alguns municípios e a UFMG, ou seja, eu ministro aulas da disciplina “Identidade, Sociedade e Cultura” para um grupo de, aproximadamente, 200 cursistas que já trabalham em creches e instituições de educação infantil mas que não possuem formação adequada para esta função, conforme as exigências legais da educação. O nome deste projeto é Proinfantil; ele é de âmbito nacional e possui um material próprio, elaborado por várias universidades, inclusive a UFMG, e financiado pelo MEC.

Assim, dentro do meu conteúdo específico, tenho estudado inúmeros materiais, buscando em vários artigos, revistas especializadas, livros didáticos, paradidáticos, jornais, filmes, curtas, sites e literatura, em geral, textos, exercícios e atividades, enfim, subsídios que enriqueçam, ainda mais, minhas aulas e a minha própria formação.

Na atualidade, estou muito envolvida com temas relacionados à história geral de formação da sociedade moderna, as contribuições de diferentes grupos étnicos e o choque cultural advindo do processo de conquista do novo mundo, com ênfase no Brasil, objetivando compreender melhor a construção da identidade nacional, uma vez que a nossa identidade está intimamente relacionada às interações de diferentes grupos e culturas no espaço geográfico brasileiro.

O meu encontro com as relações étnico-raciais ocorreu desde os tempos mais tenros de minha infância, pois tenho um irmão adotivo negro, e minha vida inteira tive que lidar com o estranhamento das pessoas, já que não sou negra e nenhum outro membro de minha família o é. Hoje, graças ao curso Educação e Relações Étnico Raciais, entendo melhor a série de dificuldades que ele enfrentou ao longo de sua vida, como permanecer na escola e nos empregos, e até mesmo nos seus relacionamentos pessoais.

Ser admitida no programa de pós-graduação em nível de especialização em docência na educação básica, foi uma grande oportunidade, um passo adiante em minha formação e profissão, todo embasamento teórico e prático trabalhados enriqueceram minha prática e minha vida, contribuindo com minha qualidade profissional e cidadã, que com certeza se tornou mais justa e menos preconceituosa, postura essa que deveria ser prática comum de toda sociedade brasileira.

1. INTRODUÇÃO

Ao trabalhar com crianças e adolescentes, foi possível observar que há uma lacuna no currículo que reconheça e valorize a cultura africana e sua influência na sociedade brasileira. Apesar da Lei 10.639/03 já estar em vigor há algum tempo, observa-se que ela não é aplicada de forma sistemática em nossa escola. Aliado à isto, há uma carência quanto a variedade das atividades trabalhadas que visam divulgar e valorizar a cultura africana, se restringindo a uma simples comemoração no dia 20 de novembro. Acreditamos que desta forma, a escola em nada contribui para desconstruir a visão estereotipada do negro e para construir uma atitude de reconhecimento de sua influência em nossa sociedade. Conseqüentemente, não há uma identificação positiva por parte dos alunos negros, afetando a formação de sua identidade e da autoestima. É importante ressaltar que sem esses elementos formadores primários da personalidade, não há como o aluno se sentir sujeito dotado de ação capaz de transformar uma realidade desigual e opressora.

Diante do exposto, o plano de ação desenvolvido na Escola Municipal Tancredo Phídeas Guimarães, se configura como uma estratégia que procurou estabelecer uma articulação mais estreita entre o campo da teoria e o mundo do trabalho, ou seja, os fundamentos teórico-metodológicos sistematizados, apreendidos e debatidos na universidade, sendo aplicados e testados no chão da sala de aula, como forma de ampliar os horizontes, meu e dos alunos, sobre a história africana e afro-brasileira, e oportunizar um amplo debate sobre as relações étnico-raciais presentes no cotidiano escolar.

Assim, armada com os ideais de justiça e igualdade, acreditando que toda ação que visa auxiliar na formação de uma identidade negra positiva e respeitosa seja de suma importância para a escola e para a democracia no país, realizei uma ação que tem por objetivo mais amplo divulgar e valorizar a cultura africana, através da dança, da música, da literatura e da expressão teatral.

Para que a ação não fique desconexa e estanque, conforme alertado pela Profª Nilma Gomes, em sala de aula trabalhei com a História Geral da África, além de

alguns documentários da série “A Cor da Cultura”, filmes, textos e programas educativos relativos à cultura e situação atual do negro no Brasil, com os quais foi possível promover intensos debates e discussões, além de uma série de atividades (desenhos, colagens, cartazes e textos), que possibilitaram a exposição de conceitos e visões dos alunos sobre a África e o negro.

É fato que os alunos e alunas terão que ler, pesquisar, estudar, discutir, assistir a filmes, documentários e debater. Muito mais do que um conteúdo curricular, a inserção da discussão sobre a África e a questão do negro no Brasil nas escolas de educação básica têm como objetivo promover o debate, fazer circular a informação, possibilitar análises políticas, construir posturas éticas e mudar o nosso olhar sobre a diversidade. (GOMES, Nilma Lino, 2008, p. 81).

Em um segundo momento da ação, um grupo profissional de dança e ritmos africanos veio à escola, para uma apresentação, que serviu como gatilho para despertar o interesse dos alunos. Este mesmo grupo auxiliou nos trabalhos com os contos africanos selecionados pelos alunos, que foram coreografados e interpretados por cada turma. A culminância da Ação deu-se em uma grande apresentação para toda comunidade escolar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breve Histórico

A sociedade evoluiu muito na técnica, mas pouco nas questões sociais. A sociedade moderna é marcada pelo pensamento dicotômico: como podemos ter uma identidade e ao mesmo tempo sermos iguais? O evolucionismo pressupõe uma identidade humana universal idealizada, uma vez que traz em seu cerne a ideia de progresso, totalidade, supremacia, civilidade, assim cria um modelo ideal para a sociedade, o WASP (branco, anglo-saxônico e protestante), submetendo as particularidades a um universal que instaura e matriza as diferenças numa hierarquia social naturalizada e essencialista.

Ainda dentro do projeto societário moderno, diante da visão marxista, que diz que o ideário iluminista só é possível no plano especulativo, não das práticas sociais, a modernidade inaugura o tempo da revolução, mas, também, da alienação, por causa do modo de produção, que é exploratório. O erro de Marx foi acreditar que uma única classe poderia libertar toda a humanidade. Outros autores, como Malinowski, Boas e outros, que abordam o relativismo cultural e o culturalismo, que pregavam a busca da identidade na diversidade, contudo, foram os valores aristocráticos e burgueses vistos como ideal de civilidade. Segundo esta visão, a escola surgiu para imprimir o ato civilizatório aos jovens.

Ao que se refere ao Brasil, revisitando alguns elementos históricos que possam nos ajudar a compreender a evolução dos conflitos étnicos-raciais no país, nos deparamos com as ideias iluministas que circulavam por toda a Europa, mas Portugal e Espanha eram monarquias absolutistas, o Brasil surge neste contexto contraditório, além de ser subordinado, este fato explica ser o Brasil o único país monárquico das Américas e um dos últimos a terminar com a escravidão, ou seja, permaneceu a sociedade altamente excludente. Quando proclamada a República, não houve medidas restauradoras para sanar os danos da escravidão. No Brasil houve uma modernização forçada, não houve processo, foi implantada, existindo várias falhas, como, por exemplo, nos direitos civis, permaneceu, na verdade, uma escravidão moderna, que é a exclusão econômica e social.

“Para interpretar o atual sistema de relações raciais no Brasil, temos que entender o contexto social, cultural e intelectual no qual as idéias brasileiras sobre raça emergiram e se disseminaram.” (TELLES, Edward, 2003, p.41)

As ciências sociais brasileiras, no século XIX, classificavam os negros como degenerados e imorais. Este fato se deve, provavelmente, à religião; o politeísmo era considerado inferior. Romero (1851-1914) era um evolucionista mais otimista e pregava o branqueamento da população, já Freyre, retrata a relação escravocrata como paternalista, ou seja, o senhor era o pai, o padrinho, o protetor. Outros estudiosos americanos compartilhavam destas ideias, afirmando que a escravidão no Brasil foi mais benevolente, o escravo era bem tratado, pois além de ser uma mercadoria muito cara, era também rara.

Rebouças, que defendia a distribuição de terras, “compreendendo a democratização da propriedade rural como o único efetivo golpe contra a escravidão” (CARVALHO, André, “Rebouças e questão da liberdade”, 2009, p. 51). Vivia uma contradição pessoal, tinha ideias liberais, mas defendia a monarquia. Já Romero, crítico, combativo, prolixo, contraditório e arrogante, acreditava no determinismo geográfico e biológico. Exaltava a mestiçagem, mas acreditava na superioridade branca. Oliveira Vianna, formado em Direito, lança em 1920 um livro intitulado “Populações Meridionais do Brasil”, onde constrói um modelo interpretativo de solidariedade social moderno. Neste contexto, Vianna afirma que a causa do atraso no Brasil se deve a um insolidarismo. Em 1926 entra para um grupo de intelectuais, diagnosticando as causas dos males do Brasil, em 1930, passa a dedicar à implementação de políticas públicas.

Gilberto Freyre, fundador da democracia racial, em sua maior obra, “Casa grande e Senzala”, defende a mestiçagem, ressaltando-a como algo natural do povo português: a miscibilidade. Este autor obteve grande aceitação popular, ao fazer uso da linguagem informal em sua obra, além de elaborar importantes conceitos como raça, cultura, entre outros. Outro importante autor é Nina Rodrigues, que era radical, mas coerente, estudou sobre a negritude no Brasil, era extremamente preconceituoso, acreditava na superioridade branca e via a mestiçagem como sinal de degenerescência, afirmando que a criminalidade e a propensão a doenças era

algo iminente à raça negra. Dividia os mestiços em 2 grupos: os superiores ou aproveitáveis e os degenerados ou comuns. Criou a classificação: mamelucos / caboclos, mulatos / pardos e os cafuzos. Foi um dos poucos que tentou definir políticas públicas raciais para o Brasil, de segregação racial.

Guerreiro Ramos, que teve grande participação política no país, entrou para o grupo Teatro Experimental Negro (TEN), que tinha como objetivo despertar a consciência negra no Brasil, ajudando a criar uma elite negra, com elevada auto-estima e identidade. Foi um dos primeiros intelectuais a criticar a democracia racial, afirmando que ela não existe no país. Para Oracy Nogueira, que expõe algumas ideias interessantes sobre as relações raciais no Brasil, diferenciando algumas formas de preconceitos como o preconceito racial de marca (fenótipo) e o preconceito racial de origem (genótipo), sendo esta última muito menor no Brasil.

Florestan Fernandes, que dedicou ao estudo da discriminação racial no Brasil, afirmando que no processo de passagem da escravidão para o capitalismo não houve preparação para inserção dos negros como classe, o que contribuiu para a exclusão social, mostrando que no Brasil há maior discriminação de classe do que racial. Para Costa Pinto, que fez parte da pesquisa da UNESCO sobre a democracia racial no Brasil, a raça é uma construção social e deveria ser tratada no campo dos efeitos das desigualdades sociais. Costa Pinto rompeu com a tradição clássica de explicação naturalista de raça. Ele afirma que o preconceito racial aumentou após a industrialização e que o capitalismo cria formas mais sutis de discriminação, por outro lado, o capitalismo propiciou a organização de uma classe média negra no país.

De modo geral, ao esboçar uma evolução da visão sobre as relações étnico-raciais no Brasil, que vai desde a defesa da superioridade da raça branca, passando pelo branqueamento da população como solução, à miscigenação como problema, até chegarmos ao mito da democracia racial, em que a questão racial é vista pela ótica culturalista, encontrar a identidade na diversidade, terminando com a sua contestação, configura-se como uma experiência interessante e muito rica, que nos permite visualizar a complexidade da questão.

2.2 Sobre a dança e a corporeidade

A escolha por trabalhar com a “Dança Afro” em meu plano de ação se justifica uma vez que esta se apresenta como manifestação de herança africana conectada aos movimentos sociais de afirmação do negro, como lugar de memórias. Nos estudos sobre a Dança Afro, Evandro Passos chama atenção para a necessidade de desfazer os tradicionais conceitos de inferioridade e folclorização, buscando-se uma compreensão da emergência dessa dança como fenômeno de memória, arte e movimento social.

A Dança Negra ou Dança Afro não é produto unicamente dos negros ou para os negros. O termo é uma denominação tanto artística quanto política. Incita a colocar o aspecto das práticas estéticas para além da população negra. Ela integra as danças dos descendentes históricos de africanos espalhados pelo mundo, situados geograficamente fora da África. Essa ligação com a África é essencial à identidade étnica dos afrodescendentes. (PASSOS, Evandro Xavier, 2011, p.86).

Outros autores também dialogam neste sentido, como no caso de Inaicyrá Falcão (2002), referindo-se à dança africana, como memória ancestral, uma vez que a aproxima das manifestações de Congado, Umbanda e Candomblé. Para Paulo Melgaço (2007), ao ponderar sobre a Dança Afro, afirma que ela se desenvolveu e criou oportunidades para diversos negros se descobrirem como artistas e, principalmente resgatarem sua autoestima, oportunizando novos caminhos, para além do modelo europeu. Já para Maria Zita (1998), a Dança Afro é vivência que proporciona, por meio da consciência corporal, a descoberta de origens étnicas e culturais e a autoestima como parte da raiz afro-brasileira. A autora também corrobora com as estratégias utilizadas neste plano de ação, pois a partir deste contato com a cultura negra, o jovem começa a descobrir e a assumir a causa do marginalizado, vislumbrando novas possibilidades para si, isso constituiu-se em fonte de afirmação de identidade e elevação da autoestima.

Quanto à corporeidade, o corpo é um símbolo explorado nas relações de poder e dominação para diferentes grupos sociais. Nesse sentido, Stuart Hall (2006) afirma que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado pelo outro. Nilma Gomes (2008) diz que o corpo pode ser considerado expressão e suporte simbólico da identidade negra no Brasil. Para a autora a identidade negra é construída não só a partir do olhar que o negro tem de si, mas

também da relação que ele tem com o olhar do outro sobre ele. Stuart Hall (2006) diz que as velhas identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades – a ressignificação –, é a chamada "crise de identidade", ou seja, as referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social estão em declínio. Neste sentido, através da cultura afro-brasileira, o corpo negro encontra na Dança Afro possibilidades de transformação artística, sociocultural e política.

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p.39).

No processo das relações étnico-raciais no Brasil, o corpo recebe uma leitura cultural, em um contexto marcado pela escravidão, o corpo era o alvo da cobiça, em um contexto marcado pelo racismo e pela desigualdade social, o corpo passou a ser novamente o alvo do preconceito e da discriminação. Mas, ao mesmo tempo, é marcado também por uma história de luta e transgressão, que busca uma identidade. Assim, é fator primordial contribuir para uma visão positiva do corpo negro. Neste sentido, a Dança Afro ganha relevância, uma vez que evidencia e valoriza a corporeidade negra. Portanto, a identidade negra passa pela corporeidade, entendida culturalmente como marca de uma ancestralidade africana.

2.3 Sobre a Literatura e sua importância para os jovens

A importância da literatura como precioso instrumento na aquisição da leitura e escrita e de ludicidade já foi e, ainda o é, bastante debatido e confirmado na educação. Contudo, seu papel vai além. É pertinente a reafirmação, neste trabalho, da importância da literatura como instrumento de educação e também de formação da identidade. Para Cândido (ano), a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver. E afirma:

"A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis

para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.” (CÂNDIDO, Antônio, 1989, p.805)

Sendo assim, a literatura possui também uma função social, configurando-se como instrumento valioso para os debates referentes às relações étnico-raciais, uma vez que ela leva o leitor a identificar-se e identificar seu universo vivencial nas obras literárias, retratando os sentimentos e as diversas formas de relações com estes sentimentos, além da bagagem cultural e as relações sociais em que o autor está imerso, possibilitando ao indivíduo, ao identificar vários aspectos de seu cotidiano, história e sentimentos retratados, uma reavaliação da postura que assume. Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver...

Para reforçar a importância da literatura na formação dos jovens, o escritor peruano Mario Vargas Llosa (2003) vem ao encontro do exposto. Na narrativa, o autor discorre sobre a importância do exercício literário, apresentando alguns argumentos contra a ideia da literatura apenas como mero passatempo ou para a aquisição da leitura e da escrita, evidenciando-a como uma atividade insubstituível para a formação de cidadãos na sociedade moderna e democrática e também como força motriz de progresso. Para Llosa, ler é libertação, pois nada nos protege melhor do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou político e do nacionalismo excludente, do que o conhecimento. Nos livros, nos contos, na poesia, entre tantos outros, estão registradas ideias, pensamentos, sentimentos, sensações, impressões, história, enfim, todo ideário que auxiliará para que possamos nos tornar humanos mais conscientes e integrados.

“Outro motivo para se conferir à literatura um lugar de destaque na vida das nações é que, sem ela, a mente crítica - verdadeiro motor das mudanças históricas e melhor escudo da liberdade - sofreria uma perda irreparável. Porque toda boa literatura é um questionamento radical do mundo em que vivemos. Qualquer texto literário de valor transpira uma atitude rebelde, insubmissa, provocadora e inconformista.” (LLOSA, Mario, 2003, p.1)

3. JUSTIFICATIVA

A Lei 10.639/03 configura-se como uma medida de ação afirmativa que torna obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da educação básica. Tem por objetivo maior contribuir para uma construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha respeito à diversidade, como parte de uma formação cidadã. A Lei já está em vigor, contudo, observam-se grandes dificuldades em implementá-la na prática escolar. As motivações são diversas, indo desde o desconhecimento sobre a temática, passando pela resistência ou discordância, o preconceito, entre muitos outros. Aliada a isto, observa-se uma carência quanto à variedade de materiais para se trabalhar de maneira adequada a temática nas escolas.

Sendo assim, fica clara a necessidade de mudar a forma como lidamos com os assuntos referentes à África e aos africanos, apresentando-os com uma única realidade e história. Desta forma, a escola e seus educadores, em nada contribuem para desconstruir a visão estereotipada do negro e para construir uma atitude de reconhecimento de sua influência em nossa sociedade. Consequentemente, não há uma identificação positiva por parte dos alunos negros, afetando a formação de sua identidade e da autoestima. É importante ressaltar que sem estes elementos formadores primários da personalidade, não há como o aluno se sentir sujeito dotado de ação capaz de transformar uma realidade desigual e opressora. No entanto, isso não significa depositar toda carga para a superação do racismo e das desigualdades raciais na educação escolar, pois a escola sozinha não dará conta, mas é fundamental destacar sua relevância neste processo.

A escola sozinha não dá conta de tudo, mas nem por isso ela deixa de ser responsável nesse processo. Ela é uma instituição formadora e ocupa um lugar de relevância social e cultural, juntamente com outros espaços em que também nos educamos. (GOMES, Nilma Lino, 2008, p.87)

Ao longo do curso, vimos que não é necessário nenhum projeto mirabolante, atitudes e práticas simples, como trabalhar com a história geral da África, a exibição de alguns documentários, filmes e programas educativos relativos à cultura e

situação atual do negro no Brasil, pesquisas que ressaltem exemplos, literatura, danças, entre outras, podem surtir grandes transformações nas relações pessoais. O importante é provocar debates que contribuam com a desconstrução de conceitos e visões estereotipadas sobre a África e o negro.

A motivação maior da Lei 10.639/03 é lançar sobre a questão racial um olhar positivo, contribuindo para que toda bagagem cultural, artística e histórica africana seja encarada, pelos nossos jovens, como herança boa, que sob vários aspectos proporciona riqueza e identidade ao povo brasileiro.

Assim, por acreditar que toda ação que visa auxiliar na formação de uma identidade negra positiva e respeitosa é de suma importância para a escola e para a democracia no país, proponho uma ação que visa divulgar e valorizar a cultura africana, através da dança, do movimento, da música e da expressão teatral.

4. OBJETIVOS

Geral

- Educar para as relações étnico-raciais na perspectiva de superação de atitudes discriminatórias

Específicos:

- Auxiliar na construção de uma identidade negra positiva
- Contribuir para o reconhecimento da influência negra na cultura e sociedade brasileira
- Divulgar e valorizar a cultura africana no ambiente escolar, a luz da Lei 10.639/03, através da dança, dos ritmos, da expressão corporal e dos contos africanos.
- Valorizar o múltiplo, o plural, a diversidade
- Possibilitar o diálogo e o debate sobre as relações étnico-raciais
- Contribuir para uma identificação positiva de alunos negros e mulatos
- Ampliar o leque cultural dos alunos sobre a cultura africana
- Trabalhar a expressão corporal e teatral
- Ampliar a diversidade musical dos alunos
- Divulgar os contos, a dança e a história africana
- Trabalhar a criatividade e o lúdico no ambiente escolar

5. O PLANO DE AÇÃO

A Escola Municipal Tancredo Phídeas Guimarães localiza-se na Vila Satélite, no Bairro Venda Nova, e atende alunos de 1º, 2º e 3º ciclos, com o diferencial de possuir um número significativo de alunos com deficiência auditiva, no turno da manhã. Sua estrutura física é razoável: possui jardins, estacionamento próprio, 2 (duas) quadras abertas, um ginásio, um laboratório de informática, uma sala de TV, uma biblioteca bem organizada e atuante, além das demais dependências destinadas às atividades administrativas e complementares ao atendimento dos alunos, que estão agrupadas em três blocos de dois andares.

O plano de ação foi destinado aos alunos do 1º ano do 3º Ciclo (7º ano), que estão distribuídos em quatro turmas de aproximadamente 26 (vinte e seis) alunos, de maioria negra. Grande parte dos alunos mora na região de Venda Nova, mas há casos de alunos que vêm de outros bairros e até de outras cidades da região metropolitana (Neves e Lagoa Santa). De modo geral, os alunos são extremamente agitados, com casos recorrentes de indisciplina, *bullying* e discriminação de várias ordens, que atrapalham o rendimento escolar e o processo de socialização dos alunos, levando a casos de abandono e transferências.

Diante deste quadro, a ação foi realizada em conjunto com outra professora da escola, que também está fazendo a Pós-Graduação, e que ministra as disciplinas de Educação Física e Artes. Como sou professora de Geografia e História, o plano de ação abarcou quatro disciplinas distintas.

Iniciamos a ação solicitando aos alunos que desenhassem um anjo, dando-o qualidades. A proposta foi uma sugestão do mestre Evandro Passos, da Companhia de Dança Afro Bataka¹, uma vez que, no imaginário popular, os anjos são dotados somente de bons adjetivos. Todos os alunos fizeram seus anjos loiros, de olhos azuis, lindos, bons, corajosos, etc., como já era esperado. Na semana seguinte,

¹A trajetória da Companhia de Dança Afro Bataka enfoca a Dança Afro e suas raízes históricas e políticas, para a afirmação de uma arte que expressa elementos identitários dos afrodescendentes e busca, através da dança, sua inserção no contexto contemporâneo. No trabalho desenvolvido pelo Bataka, a prática artística se desenrola a partir de ações de inclusão social de jovens e adolescentes das comunidades periféricas de Belo Horizonte e tem dimensões políticas, sociais e artísticas.

confeccionamos um mural com anjos africanos, imagens enviados pelo mestre Evandro Passos, e a seguinte pergunta: “Qual destes você escolheria para ser o seu anjo da guarda? Por que?”. O mural foi colocado em um local estratégico da escola - próximo aos bebedouros e banheiros, com o objetivo de observarmos a reação da comunidade escolar, inclusive no outro turno, dado que esta representa uma mudança no paradigma de uma visão consolidada, configurando-se como uma representação não convencional (leia-se não europeizada) de uma anjo. A votação ficou bem equilibrada, contudo, o mais significativo foi a reação de alunos, professores e funcionários da escola, que admirados diziam que nunca tinham visto anjos negros, e a recepção – houve grandes elogios e nenhuma depredação – indicando aceitação por parte de todos.





Mural com os anjos africanos (arquivo pessoal)

Durante as aulas de artes, foi feita uma dinâmica, tendo como tema “**Quando penso em África eu imagino...**”, em que os alunos expressaram, através de desenho, a visão internalizada sobre o continente. Mais uma vez, nenhuma surpresa, apresentaram uma visão estereotipada, representando elefantes, girafas, entre outros animais selvagens, e o negro como indígena (pouca roupa, lanças em punho, em uma floresta, etc).

Em sala de aula, durante as aulas de educação física, história e geografia trabalhamos com a história geral da África, além de alguns documentários, a série “A Cor da Cultura”, filmes, textos, mapas e programas educativos relativos à cultura africana e situação atual do negro no Brasil, promovendo intensos debates, provocando discussões, observações e tentando desconstruir conceitos e visões estereotipadas sobre a África e o negro.

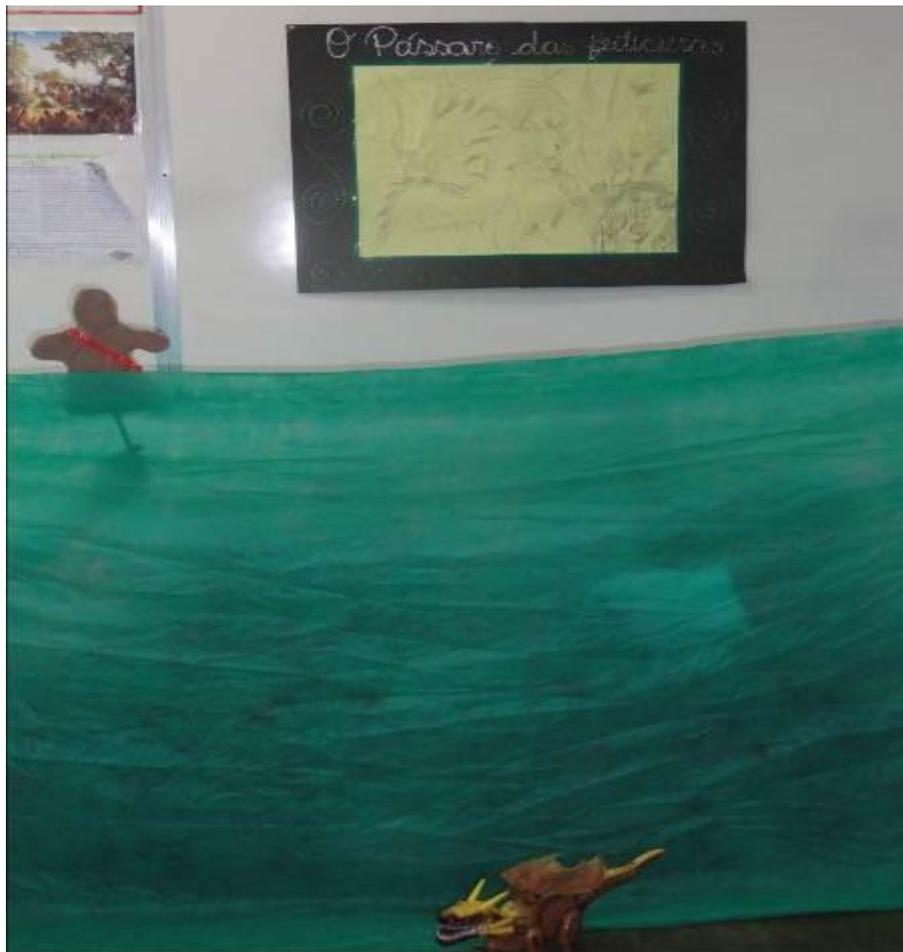
Neste ponto, cabe a constatação de negação da origem africana e não identificação por parte dos alunos, pois muitos não entendiam o porquê de se discutir este assunto, uma vez que havia apenas “um” aluno negro na escola. Em outros momentos, os alunos negros e pardos eram os primeiros a fazerem piadas e críticas, quando apareciam imagens de negros, provavelmente como estratégia de defesa ou mesmo por não se reconhecerem como descendentes de africanos. Sempre que havia algum comentário, como, por exemplo, “olha seu tio... pai... avó...lá fulano...”, tivemos o cuidado de “assoprar” frases do tipo “são os nossos tios...pais...avós...” “fazem parte da história brasileira...”. Aos poucos, as piadas e comentários maldosos foram diminuindo.

Como parte da ação, trabalhamos com os livros de contos e lendas africanas, disponíveis na biblioteca e, junto com os alunos, selecionamos o material a ser trabalhado. O livro escolhido foi o “Mãe África”; a escolha se justifica pela qualidade, linguagem acessível e número suficiente para que os alunos pudessem trabalhar.

Os alunos foram divididos em grupos menores, que tiveram a missão de escolher um dos contos elencados no livro e, através de uma apresentação oral (reconto) e a confecção de um cartaz, socializaram para o restante da turma. Quanto à dinâmica utilizada, vale destacar que o conto narrado ou contado enriquece a prática ao ajudar na superação da timidez, além de exercitar a criatividade e a linguagem oral, enfim, encanta e contagia. Para as apresentações orais, foi pedido que os alunos destacassem personagens, elementos culturais e naturais marcantes nos contos. Apesar da resistência inicial, foi observado um envolvimento maior dos alunos nesta atividade. Dentre os contos apresentados foram selecionados três: “A origem da Noite”, “A Cabeça Falante” e “O pássaro da Feiticeira”.



Confecção dos Cartazes para o reconto (arquivo pessoal)



Apresentação dos contos africanos em sala (arquivo pessoal)



Cartazes confeccionados pelos alunos sobre os contos africanos (arquivo pessoal)

No mês de maio, após alguns problemas burocráticos, relativos à liberação de verba por parte da Prefeitura, foi possível a apresentação do grupo profissional de dança e ritmos africanos, Companhia de Dança Afro Bataka, do mestre Evandro Passos, que fez uma apresentação para toda a comunidade escolar, com o objetivo de despertar o interesse dos alunos para essa forma de expressão artístico-cultural, além de uma roda de conversa e algumas dinâmicas com todos os alunos, em que vários elementos da cultura afro-brasileira foram destacados.



Apresentação do Grupo Bataka (arquivo pessoal)



Roda de conversa sobre a África (arquivo pessoal)



Bailarina do Grupo Afro Bataka (arquivo pessoal)



Apresentação do Grupo Afro Bataka (arquivo pessoal)

Em três oficinas, ocorridas uma vez na semana, em um total de 12 (doze) horas, os três contos africanos selecionados pelos alunos foram coreografados e / ou interpretados por um grupo maior, auxiliados poricineiros e supervisionados pelo mestre Evandro Passos. Mesmo com todo o trabalho de tentar desconstruir as imagens negativas sobre a cultura negra, em especial, no ponto onde abordamos as religiões de matrizes africanas, ainda assim, foram registrados casos de resistência. Alguns alunos recusavam-se a envolver, sob a alegação de se tratarem de “danças de macumba”, “de vodú”. Alguns alunos tiveram que ser retirados dos espaços onde ocorriam as oficinas, principalmente, durante a primeira oficina. Foi necessário uma boa conversa envolvendo professores, direção, coordenação e, também, osicineiros, e, assim, aos poucos foram dissolvendo estas resistências.



Ensaios durante as oficinas de dança afro (arquivo pessoal)

Foi necessário, ainda, esclarecer algumas situações, ficando acordado que o aluno não necessariamente precisaria dançar, poderia participar com a interpretação, batidas de mãos, gritos, entre outras formas de colaboração, uma vez que reconhecíamos que nem todos tinham aptidão, desenvoltura ou afinidade com o estilo trabalhado. Contudo, deixamos claro que era preciso participar de alguma forma. Para a realização desta ação foram utilizados vários recursos materiais, tais como sisal, TNT, cola quente, tecido de algodão cru, palha, contas, papéis variados, tintas, pincéis, fitas adesivas, canetões, balões coloridos, entre outros, utilizados para trajes, cartazes e efeitos visuais, necessários para a encenação dos contos. A culminância da Ação deu-se em uma grande apresentação para toda comunidade escolar.



Roda de conversa durante as oficinas de dança afro (arquivo pessoal)



Roda de conversa durante as oficinas de dança afro (arquivo pessoal)



Apresentação dos contos coreografados para a comunidade escolar (arquivo pessoal)



Apresentação dos contos coreografados para a comunidade escolar (arquivo pessoal)



Professoras envolvidas no plano de ação, Jeane e Yara, e o Mestre Evandro Passos (arquivo pessoal)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho configurou-se como uma alternativa de apresentar as marcas de sociabilidade que contribuíram para o protagonismo histórico de africanos e seus descendentes no Brasil, que com diferentes condições sociais e distintos modos de vida, buscaram sobreviver física e culturalmente sem, contudo, deixar de evidenciar o processo de apagamento, desqualificação e exclusão das marcas das civilizações africanas do patrimônio cultural brasileiro, inclusive chamando atenção especial para a ausência da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar até 2003.

Concluindo, assim, que os descendentes de africanos continuam reexistindo no Brasil, no sentido de busca de uma identidade valorosa e positiva, que vem engrossar o movimento de lutas existentes na sociedade brasileira, para manter viva a memória dos ancestrais e a valorização do patrimônio cultural dos seus antepassados também no currículo escolar.

De tudo, ficou a certeza que a temática carece de uma continuidade sistematizada e intensa, que, com certeza, estarei retomando durante o ano letivo. A motivação maior desta ação foi lançar sobre a questão racial um olhar positivo, prazeroso, lúdico. Gostaria que os alunos passassem pela escola sem a sensação que ser negro represente dor e sofrimento, ou, ainda, “mais um papo sobre escravo” e, muito menos, reforçar os estereótipos - “ginga”, “malícia”, “rebolado”, “só serve para isto mesmo”... - entre tantos outros tão divulgados pela sociedade. Mas, muito pelo contrário, busquei contribuir, da maneira que me foi possível, para que toda esta bagagem cultural, artística e histórica fosse encarada, pelos nossos jovens, como herança boa, que sobre vários aspectos, proporciona riqueza e identidade ao povo brasileiro. Diante disso, termino com as poéticas palavras da Prof^a Nilma:

Ser negro, reconhecer-se negro e ser reconhecido como tal, na perspectiva ética, nunca deveria ser motivo de vergonha, negação e racismo, mas de reconhecimento, respeito e valorização. Significa trazer no corpo, na cultura e na história a riqueza de uma civilização ancestral e um processo de luta e resistência que continua agindo no mundo contemporâneo. É essa orientação que crianças, adolescentes, jovens e adultos negros e brancos deveriam receber da escola. (GOMES, 2008, p.82).

6. BIBLIOGRAFIA

A COR da Cultura. Volumes 1 e 2. Encomendado por Fundação Roberto Marinho.

BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Irai e BENTO Maria Aparecida Silva (orgs) **Psicologia Social do Racismo**. Petrópolis: Vozes, 2002. Págs 25- 58.

BRASIL. **Decreto Lei nº 10.639** de 9 de janeiro de 2003. Inclui no Currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática histórica e cultura Afro-brasileira.

CÂNDIDO, Antônio. Direitos humanos e literatura. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. Direitos humanos e... . São Paulo: Brasiliense, 1989. _____. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. 24 (9): 803-809, set, 72.

CARVALHO, Maria Alice. *André Rebouças e questão da liberdade*. In.: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (orgs.) **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 51.

FALCÃO, Inaicyra. *Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural dança-arte-educação*. Salvador: EDUFBA, 2002.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA Antônio; CANDAU, Vera. **Multiculturalismo, diferenças e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes: 2008. Págs 67-89.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão*, In: **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**, Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: PD&A, 2006, p. 39

HISTÓRIA Geral da África. UNESCO. Representação no Brasil: Ministério da Educação. Edição em Português. 1 DVD.

LLOSA, Mário Vargas. **A Importância da Literatura**. Revista Seleções Reader's Digest, março de 2003, <http://bagatelasdehelentry.blogspot.com.br/>

2011/06/importancia-da-literatura-por-mario.html

MELGAÇO, Paulo. Mercedes Baptista: *A criação da identidade negra na dança*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

PAIXÃO, Marcelo. Desigualdades nas Questões Racial e Social. In: BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres – modos de ver**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, vol 01, 2006, (A cor da cultura). Págs 21-35.

PASSOS, Evandro Xavier. **Companhia de Dança Afro BATAKA – Ações Artísticas, Socioculturais e Políticas (Dissertação de Mestrado)**. São Paulo. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP – Instituto de Artes. 2011. 128p.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **Escola mais justa: o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana dá os primeiros passos**. 13/01/2011.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **Escola mais justa: o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana dá os primeiros passos**. 13/01/2011.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **O ensino de História e cultura afro-brasileira e africana dá os primeiros passos**. Rio de Janeiro, 13 jan. 2011.

PIXAR Short Films Collection / Curtas Metragens. Walt Disney Pictures. Volume 1. 1984. 1 DVD (55 min).

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Reexistência negra e escravidão na educação das relações étnico-raciais. In: DALBEN, Ângela Imaculado L. De F.; Maria de Fátima C. GOMES. **Formação continuada de docentes da educação básica: construindo parcerias (LASEB)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 113-130.

SISTO, Celso. **Mãe África: Mitos, Lendas, Fábulas e Contos**. 2ª edição. São Paulo. Editora Paulus, 2008. 143p.

SOUZA, Marina de Mello e. **Um continente no currículo: nova lei é a oportunidade de se ensinar devidamente a rica História da África e sua influência na formação do Brasil**. 09/12/2008.

TELLES, Edward. Da supremacia Branca à Democracia Racial. In.: **Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford. 2003. Págs 41-67.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. **Ser Negro No Brasil Hoje**. 8ª edição. São Paulo. Editora Moderna, 1987. 64p.

VISTA Minha Pele. Direção: Joel Zito Araújo. Argumento: Maria Ap. Silva Bento. Coordenação Geral: Hédio Silva Jr; Maria Aparecida S. Bento e Bel Santos. São Paulo: CEERT. 1 DVD.

ZITA, Maria. **Dança negro, ginga a história**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.